

REIGN OF GOD: AN INTRODUCTION TO CHRISTIAN THEOLOGY FROM A SEVENTH-DAY ADVENTIST PERSPECTIVE

Natan Fernandes Silva¹

RICE, Richard. **Reign of God**: an introduction to christian theology from a seventh-day adventist perspective. Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1985.

Richard Rice, teólogo e autor adventista do sétimo dia, nasceu em 1944. Recebeu seu M. Div, da Andrews University, em 1969, e M.A. e Ph.D. em teologia cristã, na University of Chicago, nos anos 1972 e 1974, respectivamente. Ele ensinou na Sierra University, até 1988, quando foi para Loma Linda University, como Professor de filosofia da religião.

ANÁLISE FORMAL:

Este livro está composto por dois prefácios (1985, 1997), uma lista de abreviações bíblicas, dezesseis capítulos e finaliza com um índice de assuntos. No início de cada capítulo há certa quantidade de textos bíblicos referentes ao assunto. Há divisões e subdivisões. Ao final, insere ajudas para estudo, composto de perguntas para revisão, outras para estudo posterior e sugestões para estudos bíblicos, além de indicar leituras adicionais, encerrando o capítulo com notas de referências.

No primeiro prefácio, Rice fala de seus quatro maiores objetivos com o livro: (1) conseguir alcançar certo nível; (2) ser um exercício em teologia; (3) ser uma obra legível e compreensível; e (4) apresentar vários elementos da fé bíblica de modo organizado e integrado. Ele explica também que não é propósito do livro escrever um trabalho sobre as doutrinas distintivas dos adventistas, mas aquelas “grandes verdades” que estes compartilham com outros cristãos. Já ao final, refere-se a alguns nomes, que analisaram o manuscrito e lhe fizeram sugestões.

No capítulo 1 (p. 1-21), “A tarefa da teologia cristã”, o autor discorre acerca: (1) da importância da teologia; (2) da fé e da razão; (3) da natureza e propósito da teologia; (4) do reino de Deus: na Bíblia, na história da igreja; como e quando Deus reina.

Em “Divina revelação” (cap. 2, p. 23-50), Rice fala sobre: (1) a necessidade da revelação; (2) os meios de revelação; (3) a natureza bíblica da revelação; (4) a natureza da inspiração profética; (5) a questão da inerrância bíblica; (6) os conteúdos

¹ Doutorando em Teologia Sistemática pela Universidad Adventista del Plata, professor de Teologia Sistemática e História Eclesiástica no Seminário Latino-Americano de Teologia, em Cachoeira, BA.

da Bíblia; (7) o cânon bíblico: sua autoridade e as versões da Bíblia; (8) a interpretação bíblica; e finaliza com (9) a revelação e o reino de Deus.

No terceiro capítulo “O caráter de Deus: a base de Seu reino” (p. 51-76), o teólogo discorre acerca de: (1) Deus, o Pai de Jesus Cristo; (2) o amor como o caráter de Deus; (3) a Trindade, o amor como o Ser íntimo de Deus; (4) o reino de Deus como a soberania do amor; (5) o Criador de céu e terra; (6) Deus é único; (7) Deus é santo; (8) os nomes de Deus; seguindo com uma conclusão.

“A Natureza do Reino de Deus” (p. 77-114) é como se intitula o quarto capítulo, onde Richard Rice trata dos seguintes temas: (1) Deus e o mundo; (2) a identidade de Deus; (3) a atitude de Deus para com o mundo; (4) a atividade de Deus no mundo: providência, profecia e milagres; e (5) a experiência de Deus do mundo. Há, porém, um “apêndice” neste capítulo com o título: “Algumas questões importantes sobre Deus.

O capítulo 5, “A grandeza humana: agentes do reino de Deus” (p. 115-142), debate sobre: (1) o problema do ser humano; (2) o homem como criatura; (3) a corporeidade humana; (4) a sociabilidade humana; (5) a sexualidade humana; (6) o desenvolvimento humano; (7) a humanidade como imagem de Deus; (8) a singularidade humana; e (9) a liberdade humana. Aqui aparece um sumário: A situação humana e a humanidade e o reino de Deus.

Sob o título de “A tragédia humana: o reino de Deus interrompido”, Rice escreve o 6º capítulo de seu livro (p. 143-162), onde trata sobre: (1) o significado de pecado; (2) o resultado de pecado: condenação, corrupção, alienação, “depravação total”, escravidão e pecado original; (3) a grande controvérsia, um desafio cósmico ao reino de Deus; (4) a natureza da morte (5) o significado da morte; e (6) o futuro além. Um sumário da visão cristã da humanidade e o reino de Deus conclui o capítulo.

O capítulo 7 (Quem Era Jesus: Instrumento do Reino de Deus, p. 163-186) aborda o : (1) cristianismo e Jesus; (2) Jesus e Deus; (3) a ressurreição de Jesus; (4) o desenvolvimento da Cristologia; (5) a doutrina bíblica de Cristo; (6) e (7) a divindade e a humanidade de Jesus.

Em “O Que Jesus Fez: O Reino de Deus Restabelecido” (cap. 8, p. 187-204), Rice apresenta: (1) a vida e a obra de Jesus; (2) Sua morte; (3) o que Jesus realizou; (4) porque Jesus morreu; (5) rumo a uma visão adequada da expiação; e (6) a cruz de Cristo e o reino de Deus.

Intitulado “A Igreja: O Reino de Deus Como Comunidade Cristã”, o capítulo 9 (pp. 205-234) trata de: (1) a salvação e a Igreja; (2) facetas da doutrina da Igreja; (3) o evangelho e a Igreja; (4) a Igreja como o povo de Deus; (5) a Igreja como o Corpo de Cristo; (6) os dons espirituais; (7) Ellen G. White e o dom de profecia; (8) Ellen G. White e a autoridade bíblica; (9) Ellen G. White e a inspiração profética; e (10) a comunidade do Espírito.

No cap. 10, “A Missão da Igreja: Extensão do Reino de Deus” (p. 235-264) o autor discorre sobre: (1) o escopo e o conteúdo da missão cristã; (2) a salvação dos

não-cristãos; (3) a forma da missão cristã; (4) a Igreja visível e o reino de Deus; (5) a justificativa para a organização da Igreja; (6) as formas de organização da Igreja; (7) o ministério do evangelho; e (8) as questões da verdadeira Igreja.

Sob o título de “O Reino de Deus nos Corações Humanos” (cap. 11, p. 265-287), Richard Rice discorre acerca de: (1) o novo nascimento; (2) a justificação: salvação pela fé; (3) legalismo: salvação pelas obras; (4) a salvação e a lei de Deus; (5) cidadania no reino de Deus; (6) santificação; (7) salvação e liberdade humana; e (8) perfeição cristã.

“O Reino de Deus nas Vidas Humanas” é o capítulo 12 (289-318). Nele, o autor expõe: (1) a identidade e o comportamento cristão; (2) a vida no Espírito; (3) o significado de amor; (4) amor e lei; (5) amor para com Deus; (6) amor para com os outros; (7) responsabilidades para com a família; (8), (9) e (10) responsabilidades com a Igreja, com a sociedade e com a política; e (11) ética e maior vida cristã.

O capítulo 13, “Acolhendo o Reino de Deus: As Raízes da Escatologia Adventista” (p. 319-339) menciona: (1) a atualidade da escatologia cristã; (2) a visão bíblica de tempo; (3) Jesus e o fim da História; (4) profecia e história; (5) adventismo e o movimento do advento; (6) Cristo no santuário celestial; e (7) o regozijo do adventismo.

Rice escreve “O Reino de Deus Cumprido: O Destino Humano” (cap. 14, p. 341-366) e fala de: (1) a perspectiva da escatologia adventista; (2) um delinear adventista de eventos finais; (3) o destino final dos ímpios; (4) o significado da vida eterna; (5) a vida eterna como restauração; (6) a revelação do futuro no presente; e (7) o significado do futuro para o presente.

Como “Adoração Cristã: Celebrando o Reino de Deus” (cap. 15, p. 367-390) o autor manifesta: (1) o significado de adoração; (2) a dimensão da experiência da adoração; (3) a oração; (4) o batismo; (5) e (6) a ceia do Senhor e seu significado; (7) a função dos símbolos religiosos; e (8) os símbolos e o reino de Deus.

O capítulo 16 é o último. Intitula-se: “O Sábado: Símbolo do Reino de Deus” (pp. 391-419) e, depois de uma Introdução, trata de assuntos como: (1) o sábado na Bíblia; (2) do sábado para o domingo; (3) o significado do sábado; (4) o sábado e o reino de Deus; e (5) a experiência do sábado.

CRÍTICA:

Sua abordagem da teologia sistemática difere de outros autores como L. Berkhof, A. H. Strong, C. Hodge e W. Gruden, somente para citar alguns exemplos. Também é bem diferente da abordagem existencialista de P. Tillich. Há como que uma espécie de aspecto relacional em sua teologia, iniciando com o relacionamento dos membros da Trindade (p. 58), Deus e o mundo (p. 78-80; 86-98) e os seres humanos (p. 97).

Rice afirma que selecionou “o reino de Deus” como tema-guia para o livro, e

indica alguns fatores que o levaram a isso: (1) o significado do tema na Bíblia, pois a ideia é dominante no ministério de Cristo; e (2) na história da Igreja, o tema também figura proeminentemente; ele discorre, também, acerca de como e quando Deus reina (p. 13-15). De fato, todos os temas abordados, nos 16 capítulos do livro, tratam de alguma forma do reino de Deus.

Diferente de outras teologias sistemáticas, o autor não inicia tratando de Deus; principia explicando a tarefa da teologia e, no capítulo 2, trata da revelação, para, somente no capítulo 3 discorrer sobre Deus e a base de Seu reino.

O capítulo 8, que trata da vida e da obra de Jesus Cristo é muito breve, e falta uma abordagem do tema com mais discussão e profundidade. Algumas subdivisões são escritas sem o uso de textos bíblicos comprobatórios e parte do assunto trata somente de algumas teorias da expiação. É pouquíssima coisa para dizer sobre um assunto tão profundo e tão significativo.

O tom de sua teologia é expositivo e ilustrativo, e o princípio hermenêutico seguido não se parece em nada com a forma costumeira dos teólogos sistemáticos geralmente tratem o assunto “Deus”. Embora defenda a fé e a razão (p. 3-7), apresenta Deus sem as bases racionais e lógicas da filosofia grega. Neste sentido, segue o princípio macro-hermenêutico.

Nota-se uma aparente discrepância entre uma declaração na p. xiii, onde o autor assegura que não inclui “doutrinas distintivas dos adventistas do sétimo dia”, porque quer que a obra alcance os não adventistas, porém, na p. 13, ele afirma que o tema “reino de Deus” reflete algo distintivo dos adventistas. Mais ainda, ele também inclui o dom de profecia, na pessoa de Ellen G. White, quando trata da Igreja (cap. 9), do santuário celestial (cap. 13), da perspectiva escatológica adventista (cap. 14) e fala do sábado no capítulo 16.

Este livro serviu-me pessoalmente para duas coisas: (1) conhecer outra forma de se fazer teologia sistemática, que não seja a “clássica”; (2) que a teologia sistemática, fora do processo costumeiro, pode ser mais bíblica.